

Escrevi uma vez a um amigo de Jean Pierre:

"Procuro viver o aqui-agora de cada dia, especialmente em tempos de uma transição. Com o texto posso me preparar para que a oportunidade se manifeste. Vou contar com carinho e não com fatalidade o que se passou com o Jean. Primeiro, eu não estava com ele, há alguns anos. Ele estava com a companheira Sonja (a qual conheci muito pouco). Foi rápido: numa briga de bar, fatal, o dono sacou de uma arma e assim nosso querido se foi. Te digo que me separei do Jean, amando-o muito, demais talvez. Pressentia uma fatalidade.

Iniciamos nosso encontro mágico, no Novotel de Belém, durante as filmagens de "Brincando nos Campos do Senhor", com o comprometimento voluntário dele se afastar das super-toxinas.
(Disse que fazia isso para estar comigo!)

Nós tínhamos o barco "Julia", em conjunto. Vivíamos no paraíso das águas amazônicas, igarapés, canoas (casquinhas), sumaumeira mestra, crianças, pais e avós ribeirinhos, açai, jiboia adotada, gaviões filhotes, botos e muitos cantos, música e arte. Poucas vezes consegui que ele me olhasse profundamente e lembro dele se referindo a mim como um anjo que ele não conseguia escutar (!?). Depois de alguns anos, sua aura angelical foi contaminada pelo ambiente másculo e de cais que vivíamos, morando no "Julia", com o projeto Navegarte. Com apenas um gole ou outros estimulantes, ele se transformava num outro ser, de olhar mais fugidio, agressivo e usando palavras e um jeito que depois ele não lembrava ter usado. Eu vivia triste por vê-lo assim, distanciando-se

Me separei e chorei por seis meses, diariamente, me jogando no chão ou no piso do quarto do Novotel, onde voltei a morar. Certa noite ele me disse que iria afundar o nosso barco: comprei a parte dele para preservar sua obra. Suas mãos, carinho e maestria me pareciam ser um caminho de lucidez.

Foi cenógrafo, percussionista, professor em nossos trabalhos, em conjunto, sempre. Ficou triste por eu ter me tornado professora da UFPA (cortando o sonho dele de viajarmos sem âncora) e ter cancelado nossa conta em conjunto (nosso dinheiro sumia!).

Numa noite, já separados há quase três meses, tive a intuição de buscar uma arma que ele havia deixado (creio que penhorado) com um português nosso amigo. Descobri que ele dormia com uma arma sob o travesseiro. Acordamos que isto deveria acabar, para nossa própria tranquilidade e segurança. Ele entregou a arma para o português do restaurante da Ilha do Combu (nosso refúgio). Pois bem, acordei cedinho, peguei o barco, fui para o outro lado do rio comprar a arma do Jean. Cheguei no português. Janpi tinha estado lá um dia antes, no sábado. Foi buscar a arma. Ainda estávamos unidos!!!
(continuo no próximo capítulo.)
Grata pela escuta e por me permitir render esta pequena homenagem ao nosso Jean."